

**Recontando a História**

MÁRCIA ABREU

**Da cor da esperança –  
A libertação dos escravos**

Leitor crítico – 6º a 9º anos do Ensino Fundamental

---

**PROJETO DE LEITURA**

Elaboração: João Priolli  
Coordenação: Maria José Nóbrega

---

# Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,  
Uma árvore bem frondosa  
Doze galhos, simplesmente  
Cada galho, trinta frutas  
Com vinte e quatro sementes?*<sup>1</sup>

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoera, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.<sup>2</sup>*

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

*Depende de nós.*

<sup>1</sup> In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

<sup>2</sup> *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

---

## **DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA**

### **UM POUCO SOBRE O AUTOR**

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

### **RESENHA**

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

### **COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA**

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

### **QUADRO-SÍNTESE**

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:  
Palavras-chave:  
Áreas envolvidas:  
Temas transversais:  
Público-alvo:

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

### b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

### c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

#### ◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

#### ◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

#### ◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

#### ◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

## DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

MÁRCIA ABREU

## **Da cor da esperança – A libertação dos escravos**

Leitor crítico – 6º a 9º anos do Ensino Fundamental

### **UM POUCO SOBRE A AUTORA**

MÁRCIA ABREU é professora universitária no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp e possui extensa pesquisa sobre História do Livro e Leitura e Literatura Brasileira. É também coordenadora da área de Letras na Fapesp. Publicou vários livros, capítulos de livros e artigos, dentre os quais se destacam *Histórias de cordéis e folhetos* (1999), *Os caminhos dos livros* (2003) e *Cultura letrada: literatura e leitura* (2006). Para o público juvenil escreveu o livro *Morrer amanhã*, pela editora FTD.

### **RESENHA**

*Da cor da esperança – a libertação dos escravos* narra a história dos anos finais da escravidão no

Brasil. Ambientada entre uma fazenda de café do Vale do Paraíba e a capital do Império Brasileiro, o Rio de Janeiro, o livro conta as grandes transformações na vida do jovem Pedro. Rapaz mestiço que nasceu escravo e foi separado de sua mãe, participou de uma fuga e foi viver em um quilombo, mas que teve seu sonho de liberdade interrompido pela sanha dos capitães do mato. A narrativa sensível da vida de Pedro cruza-se neste livro com a emocionante história da campanha abolicionista no Brasil dos anos 1880.

Além de uma trama contagiante, o livro oferece a seus leitores uma rigorosa pesquisa histórica, repleta de detalhes sobre a vida dos cativos nas fazendas de café e nos quilombos. Resgata também, de forma dinâmica e muito atraente, a biografia de diversos personagens fundamentais para a luta abolicionista, como André Rebouças,

Joaquim Nabuco, Luiz Gama, José do Patrocínio, Antonio Bento, entre outros.

O trabalho cuidadoso de Márcia Abreu, enfim, brinda o leitor com referências e pesquisas sobre as identidades africanas e afro-brasileiras. Por isso mesmo, aproxima seu olhar atento também de uma interessante perspectiva que vem ganhando espaço entre os historiadores que se debruçam sobre esse período. A trama narrada neste livro não é apenas a história da abolição da escravidão, sacramentada pela Lei Áurea, mas uma narrativa que mostra a ação efetiva de negros e mestiços na conquista de sua libertação.

## QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** novela histórica.

**Palavras-chave:** escravidão, abolicionismo, caifazes, Lei Áurea.

**Áreas envolvidas:** Língua Portuguesa, História.

**Tema transversal:** Pluralidade cultural, ética.

**Público-alvo:** Leitor crítico (6º a 9º anos do Ensino Fundamental).

## SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

### a) antes da leitura

1. Um dos personagens fundamentais da trama é Mahommah, negro muçulmano trazido como escravo ao Brasil. Proponha uma pesquisa sobre as origens e a expansão do islamismo a partir do século VII até os dias de hoje. Enfatize a presença dessa religião em povos muito diversos e como ela chegou ao continente africano.

2. O personagem de Mahommah recebe o nome cristão de Diogo, mas para a autora do livro, Márcia Abreu, a escolha do nome do personagem é uma homenagem à história de vida de Mahommah Gardo Baquaqua, um negro escravizado que conquistou sua liberdade publicando o único relato escrito em primeira pessoa que temos da escravidão no Brasil. Explore essa figura em fontes como <http://oglobo.globo.com/sociedade/historia/historiadores-traduzem-unica-autobiografia-escrita-por-ex-escravo-que-viveu-no-brasil-14671795> e <http://www.baquaqua.com.br>.

3. Sugira à turma uma pesquisa sobre o levante dos escravos Malês, ocorrido em 1835 na Bahia. Trabalhe com eles algumas características dessa revolta de escravos, como sua origem islâmica,

a presença de escravos letrados em árabe e sua organização para um plano de dominar a cidade de Salvador e promover a libertação dos escravos. Explore também as possíveis razões para que esse episódio seja ainda pouco conhecido pela grande maioria da população brasileira.

4. Resgate com a turma o surgimento do abolicionismo na Inglaterra e suas diversas motivações humanistas, políticas, econômicas. Aponte aqui o papel decisivo dos interesses ingleses no fim do tráfico de escravos no Atlântico entre as décadas de 1830 e 1860.

5. Faça com a turma uma cronologia das leis abolicionistas, destacando a longa luta pela liberdade ao longo do século XIX no Brasil. Destaque como os interesses de grandes fazendeiros e proprietários atrasaram o processo de abolição, legando ao país a marca de última nação a abolir a escravidão nas Américas.

### b) durante a leitura

1. O capítulo 2 narra a vida de Mahommah (ou Diogo, como ficou conhecido no Brasil) quando era um comerciante na região da atual Nigéria, continente africano. A partir do trecho destacado abaixo (pág. 30), comente com os alunos os tipos de mercadoria que eram trocados pelos povos do deserto e do litoral e enfatize as relações de comércio entre africanos e europeus naquela região.

*Quando o casamento com Halima foi acertado, o tio enviou o jovem noivo em viagem para vender um carregamento de agulhas e facas. Era um bom jeito de fazer o dinheiro necessário para se casar. Ele já havia ido a várias feiras e mercados, mas aquela vez seria diferente. Teria que ir mais longe e vender mais produtos, porque iria começar uma vida nova. Trocou as agulhas e facas pelo bom sal do deserto; o sal do deserto por peles, tecidos e marfim; as peles, tecidos e marfim por garrafas de vidro, copos e pentes vindos da Europa, que eram muito apreciados e vendiam bem. Era um grande negociante. Finalmente, trocou essa mercadoria por ouro das minas de Bambuk, prata e ferro, que levaria de volta para casa. Com o ferro, o tio faria mais agulhas e facas. Mas com o ouro e a prata, produziria braceletes brilhantes, brincos enfeitados e anéis ornamentados para vender aos moradores de Djugu. Seria um homem rico.*

2. Enganado e aprisionado, Mahommah narra ao jovem Pedro a história de sua captura e seu transporte para o Brasil como “peça” a ser vendida nos mercados de escravos. Estimule a turma a imaginar o ambiente dos navios negreiros e dessa tenebrosa viagem que faziam da África para as Américas. Retome a alcunha de *tumbeiros* dada a esses navios e, partindo do trecho selecionado abaixo (pág. 37), explique como os traficantes procuravam humilhar e apagar as memórias dos cativos, numa espécie de morte simbólica.

*Oiudah era o nome da cidade onde Mahommah foi embarcado num navio rumo ao Brasil. Ali viu um homem branco pela primeira vez e soube que se chamavam portugueses; ali viu casas com janelas pela primeira vez; ali viu um navio pela primeira vez. [...]*

*Os mercadores mandaram que os escravos tirassem a roupa e ficassem todos nus. Mahommah sentiu vergonha ao se ver pelado na frente de tantos homens. Mas ao ver que as mulheres também estavam sendo despidas sentiu ódio. Se Halima tivesse passado por essa situação, teria ficado muito humilhada, pensou. E isso o fez odiar cada branco que estava naquele porto.*

*Ele viu o imenso navio a alguma distância, mas não imaginou que aquilo fosse um meio de transporte. Achava que era objeto de adoração dos brancos. Talvez os escravos fossem ser sacrificados em honra desse grande deus que boiava no mar. Isso explicaria por que retiraram as roupas de todos. E explicaria também a grande refeição que os brancos fizeram. Eles comeram muito, demoradamente, e beberam ainda mais. Os negros tinham fome, porque quase não receberam comida durante o trajeto. Mas não foram chamados a participar da comilança. Receberam apenas arroz misturado com favas e peixe apimentado. E um pouco de água.*

3. O episódio da tentativa de suicídio do escravo José Congo, no capítulo 3 (pág. 53-54), relata uma atitude de desespero seguida de duros castigos infligidos pelos feitores da fazenda. Explore com os alunos o sentido dos castigos aplicados aos escravos, principalmente em caso de fugas e rebeliões. Explore também a contradição de uma prática tão violenta estar associada às ideias de patrimônio e de prejuízo. Lembre-os de que essa história se passa nos anos finais da escravidão, após a aprovação da Lei Eusébio de Queiróz (1850), que proibia o tráfico de africanos ao Brasil,

mas que também foi responsável por aumentar o valor daqueles que continuavam escravos no país.

*[...]Fugas eram um grande perigo. Até chegarem ao quilombo, teriam que sobreviver no mato, com pouca comida e enfrentando todo tipo de animal feroz. Se fossem malsucedidos e os feitores os encontrassem, receberiam duro castigo. Seriam açoitados, talvez cortados com navalha. Seriam forçados a usar um libambo preso no pescoço, com chocalhos nas pontas para que sempre se ouvisse seu movimento. Seriam marcados com ferro em brasa, com uma grande letra F, indicando que eram fujões. Não podia se arriscar a ver Pedro passar por todo esse sofrimento. Não podia abandoná-lo na fazenda. Não sabia o que fazer.*

4. Fugir da fazenda da Pedra Preta provocou enormes mudanças na vida de Pedro, um jovem escravo que nascera no cativeiro e pouco sabia do mundo e da vida. No quilombo da Estrela, Pedro conheceu a liberdade e o grande amor de sua vida, Rita. Peça aos alunos que levantem, durante a leitura do capítulo 5, elementos da cultura africana que os escravos podiam exercer em sua nova vida. Chame atenção para as diferentes crenças e religiões dos personagens (catolicismo, islamismo e o candomblé), suas línguas, assim como outros traços de sua cultura descritos no texto (escarificações e o jogo de odus). Explore com a turma a diversidade cultural entre os escravos trazidos ao Brasil.

5. Com a destruição do quilombo e a captura de seus amigos, Pedro se vê em desespero e é obrigado a fugir. Levado ao Rio de Janeiro por um mercador, descobre ali um mundo todo novo e passa a conhecer uma sociedade que estava rapidamente se transformando. Muitos negros já eram forros, ou livres, outros tantos trabalhavam para seus senhores e compravam sua liberdade. Explore com a turma as diferenças da escravidão urbana para a escravidão rural, o trabalho dos negros de ganho e as possibilidades de liberdade nesse ambiente urbano. (pág. 123)

*Para andar na rua sem o dono, os escravo tem que ter um papel assinado pelo senhor – explicou Dito. – Eles chama de passaporte. Ou então tem que ter uma carta de alforria, como a minha, que eu te mostrei. Sem esses papel, mesmo os liberto pode voltar a ser escravizado. Ainda mais agora que eles está perdendo tanto escravo...*

6. Muitos personagens ligados ao movimento abolicionista surgem nos capítulos finais da obra. Proponha uma pesquisa sobre a história de vida dos principais líderes do abolicionismo no Brasil, citados no livro: Luiz Gama, André Rebouças, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Antonio Bento. Não deixe de destacar a origem social desses homens, suas atividades profissionais e a presença de diversos mestiços entre eles.

7. Vivendo entre os abolicionistas, Pedro aprendeu a ler e pôde reparar em diversas coisas que lhe espantavam, como os anúncios que os senhores colocavam em jornais oferecendo recompensas por informações sobre escravos fugidos ou mesmo anúncios de compra e venda. Sugira à turma uma busca de imagens de anúncios do final do século XIX que tragam alguns exemplos. Enfatize as descrições e os termos usados pelos anunciantes em suas mensagens. (<http://www.geledes.org.br/anuncios-de-escravos-os-classificados-da-epoca/>)

### c) depois da leitura

1. A introdução da fotografia no Brasil, durante a segunda metade do século XIX, registrou um país que passava por lentas mas significativas transformações. Entre os muitos temas registrados pelos pioneiros da fotografia, estavam as cidades e paisagens do país, os trabalhadores e o povo brasileiro e, como não podia deixar de ser, muitos registros sobre o trabalho escravo. A partir de alguns acervos, é possível resgatar algumas dessas imagens. Trabalhe em sala os motivos que levaram a esses registros fotográficos e também o que podem contar sobre a escravidão. Sugestão de fontes de pesquisa: <http://brasiliiana.fotografica.bn.br/?tag=escravidao> e <http://www.blogdoims.com.br/ims/escravos-de-marc-ferrez-por-lilia-moritz-schwarz>.

2. Os eventos narrados em *Da cor da esperança* estão repletos de personagens que vivem entre dois mundos: o dos libertos e o dos cativos. Recentemente, o filme *Doze anos de escravidão* fez bastante sucesso nos cinemas do mundo todo narrando a história real de Solomun Northup, negro nascido livre no norte dos Estados Unidos que é enganado por companheiros de trabalho e vendido como escravo. Após longos 12 anos de sofrimento e longe de sua casa e família, o

personagem se liberta e pode escrever sua história em forma de livro. Assista ao filme com a turma, comparando a trajetória e as condições de trabalho descritas no filme com a das fazendas de café do livro de Márcia Abreu.

3. Proponha um debate com a turma a partir do tema: a escravidão no Brasil realmente acabou? Enfatizando as diferenças que separam os dias de hoje do tempo histórico que o livro descreve, a década de 1880, sugira uma pesquisa em jornais e portais de notícia sobre escravidão contemporânea no Brasil e no mundo. Sugestão de fontes de pesquisa: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/06/confira-o-mapa-do-trabalho-escravo-no-brasil> e <http://reporterbrasil.org.br/dados/trabalhoescravo/>.

### DICAS DE LEITURA

#### ► Da mesma autora

*Vovô gagá*. São Paulo: Moderna.

*Morrer amanhã*. São Paulo: FTD.

*Amor, história e luta: antologia de folhetos de cordel*. São Paulo: Moderna.

#### ► Da mesma série

*A Nova Terra – A chegada dos portugueses ao Brasil*, de Álvaro Cardoso Gomes. São Paulo: Moderna.

*Um grito de liberdade – A saga de Zumbi dos Palmares*, de Álvaro Cardoso Gomes e Rafael Lopes de Sousa. São Paulo: Moderna.

*Abre as asas sobre nós – A Inconfidência Mineira*, de Milton M. Azevedo. São Paulo: Moderna.

#### ► Do mesmo gênero

*As aventuras de Hans Staden*, de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Globo.

*Fragosas brenhas do mataréu*, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática.

*As batalhas do castelo*, de Domingos Pellegrini. São Paulo: Moderna.

*Vango – entre o céu e a terra*, de Timothee de Fombelle. São Paulo: Melhoramentos.